

## Proposta n.º JF 125/2020

### Publicação de uma brochura integrada no mês do migrante

Considerando a proposta apresentada pela associação "RJAnima" para a elaboração e divulgação de uma brochura de contos tradicionais, integrada nas comemorações do Dia Municipal do Migrante, que se junta em anexo e se considera como parte integrante da presente proposta.

Considerando que foi apresentado um trabalho elaborado pelo autor contador de histórias Adriano Reis, que se junta também em anexo e se considera como parte integrante da presente proposta.

Considerando ser adequada a publicação deste documento, integrada num conjunto mais vasto de publicações a efetuar, como forma de divulgar a história das comunidades que constituem a cultura da nossa cidade e aumentar o sentimento de pertença.

Considerando que será a associação "RJAnima" a definir e gerir a forma de distribuição da brochura a produzir.

Considerando que a Junta de Freguesia reserva para si 10% das publicações a efetuar, a distribuir gratuitamente da forma que a Junta de Freguesia vier a considerar mais adequada.

Considerando ser adequada uma publicação de 500 exemplares da brochura em anexo, que se considera como parte integrante da presente proposta.

Considerando o previsto no n.º 5 do artigo do Regulamento do Apoio ao Associativismo, que permite à Junta de Freguesia, a título excepcional, apreciar pedidos de apoio para além dos definidos no n.º 4 do mesmo artigo.

Considerando que compete à Junta de Freguesia de Agualva e Mira Sintra apoiar as atividades de natureza social e educativa, ao abrigo da alínea v) do n.º 1 do artigo 16.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro.

Atento aos considerandos e ao enquadramento legal existente, proponho que se delibere aprovar a atribuição de um apoio financeiro à associação "RJAnima" para a publicação do trabalho efetuado pela referida associação e elaborado pelo autor contador de histórias Adriano Reis, correspondente ao valor de **€400,00** (quatrocentos euros).

AgualvaCacém, 11 de agosto de 2020

X 

Carlos Casimiro, Presidente Junta de Freguesia  
Assinado por: CARLOS MIGUEL NUNES CASIMIRO PEREIRA

**Proposta n.º JF 125/2020**

Publicação de uma brochura integrada no mês do migrante

**Deliberação:** Aprovada  Reprovada   
 Unanimidade  Maioria

Votos a favor		Votos contra		Abstenções	
Presidente Carlos Casimiro	<input checked="" type="checkbox"/>	Presidente Carlos Casimiro	<input type="checkbox"/>	Presidente Carlos Casimiro	<input type="checkbox"/>
Secretário Dâmaso Martinho	<input checked="" type="checkbox"/>	Secretário Dâmaso Martinho	<input type="checkbox"/>	Secretário Dâmaso Martinho	<input type="checkbox"/>
Tesoureiro João Castanho	<input checked="" type="checkbox"/>	Tesoureiro João Castanho	<input type="checkbox"/>	Tesoureiro João Castanho	<input type="checkbox"/>
1.º Vogal Helena Cardoso	<input type="checkbox"/>	1.º Vogal Helena Cardoso	<input type="checkbox"/>	1.º Vogal Helena Cardoso	<input checked="" type="checkbox"/>
2.º Vogal Cristina Mesquita	<input type="checkbox"/>	2.º Vogal Cristina Mesquita	<input type="checkbox"/>	2.º Vogal Cristina Mesquita	<input checked="" type="checkbox"/>
3.º Vogal Ricardo Varandas	<input checked="" type="checkbox"/>	3.º Vogal Ricardo Varandas	<input type="checkbox"/>	3.º Vogal Ricardo Varandas	<input type="checkbox"/>
4.º Vogal Victor Ferreira	<input type="checkbox"/>	4.º Vogal Victor Ferreira	<input type="checkbox"/>	4.º Vogal Victor Ferreira	<input checked="" type="checkbox"/>
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>Total</b>	<b>3</b>

Aprovada em minuta, na reunião de 2020.08.13, para efeitos do disposto nos termos do n.º 3 e n.º 4 do artigo 57.º, da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, e n.º 4 e n.º 6 do artigo 34.º do Código de Procedimento Administrativo.

A Junta de Freguesia

O Presidente: \_\_\_\_\_  
 O Secretário: \_\_\_\_\_  
 O Tesoureiro: \_\_\_\_\_  
 O 1.º Vogal: \_\_\_\_\_  
 O 2.º Vogal: \_\_\_\_\_  
 O 3.º Vogal: \_\_\_\_\_  
 O 4.º Vogal: \_\_\_\_\_

## **BROCHURA CONTOS TRADICIONAIS**

setembro – Mês do Migrante Sintrense / 2020

Costumes & Tradições Orais – Diálogo InterCultural Entre Culturas e Povos

O Dia Municipal do Imigrante – 17 de setembro - foi instituído pela Câmara Municipal de Sintra em 2008, enquanto reconhecimento da forte presença e do contributo dos cidadãos migrantes para a vida local.

Os eventos de comemoração do Mês do Migrante 2018 são abertos a todos os munícipes e pessoas interessadas e visam proporcionar momentos de intercâmbio e convívio fraterno entre as comunidades migrantes em presença e as comunidades de acolhimento.

A RJ ANIMA, todos anos desenvolve diversas atividades em parceria com os parceiros institucionais, nomeadamente com os parceiros institucionais: Câmara Municipal de Sintra e as Uniões de Freguesias da Cidade de Agualva-Cacém (Freguesia de Agualva e Mira Sintra & Cacém e São Marcos) e com diversos grupos e de associações imigrantes da Cidade de Agualva-Cacém:

- Torneio de Uril;
- Degustação Gastronómica da Diversidade Cultural;
- Caminhada com Stória pela integração;
- Exposições com peças Antropológicas & Etnoculturais;
- Sessões de Contos Tradicionais;
- Comunicações, Saberes Interculturais;
- Convívios Interculturais: Sons, Tons, Saberes e Sabores;
- Sessões de Sensibilização Lei imigrante;

São atividades que desenvolvermos em prol da promoção, integração e inclusão imigrante no Concelho de Sintra, sob o slogan: ESTAMOS JUNTOS...SOMOS TODOS SINTRENSES!

---

 **ANIMA** - Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural

NIF 513 798 765 / Av. Cidade de Londres 2 7ºD 2735-454 Agualva-Cacém, Sintra

[Riodajarda.anima@gmail.com](mailto:Riodajarda.anima@gmail.com) / <https://www.facebook.com/ribeiradasjardas>

# BROCHURA CONTOS TRADICIONAIS

setembro – Mês do Migrante Sintrense / 2020

Costumes & Tradições Orais – Diálogo InterCultural Entre Culturas e Povos

## SETEMBRO 2020 - PROPOSTA DE BROCHURA

Ano de 2020, ano em que estamos a na luta e na prevenção contra a Pandemia “*Inimigo Invisível COVID -19*”, enquanto Associação de Dinamização ambiental, Social e Cultural, estamos a reinventar-nos e adaptar-nos toda a nossa programação no encontro de resposta junto dos nossos associados e com a nossa comunidade, respeitando todas as recomendações sugeridas pela Direção Geral de Saúde.

A semelhança dos anos anterior, pretendemos desenvolver atividades interculturais e sendo a arte ancestral de narração oral, desenvolver uma “brochura” com três contos na versão Tradicional da cultura Cabo-Verdianos, de autoria do Contador de Histórias Profissional, Adriano Reis, que desenvolve enquanto Trabalhador Independente e Associado da nossa Associação.

É na promoção da “palavra” stória, “diálogo Intercultural” identidade cultural, conhecer e viver costumes e tradições orais, identidade, abraços entre culturas e povos que pretendemos contribuir para uma integração, inclusão imigrante (Mais Diversidade, Melhor Humanidade).

Enquadrado na programação Setembro, mês do Imigrante do Concelho de Sintra, atividades na Freguesia, sugerimos a seguinte proposta de apoio com a seguinte responsabilidade do parceiro

### 1. FREGUESIA DE AGUALVA E MIRA SINTRA:

- Apoio Técnico na estruturação e designer da Brochura;
- Apoio no layout e paginação da Brochura;
- Tiragem da 1ª edição de 500 Exemplares;
- Reserva de 10% da tiragem que a JFAMS distribuirá gratuitamente mediante acharem mais adequado;
- Garantir o logotipo na publicação como Parceiro/Apoio;
- Coorganização do lançamento oficial da Brochura dos contos;
- Garantir representação em todas atividades relacionado com a brochura



**ANIMA** - Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural

NIF 513 798 765 / Av. Cidade de Londres 2 7ºD 2735-454 Agualva-Cacém, Sintra

[Riodajarda.anima@gmail.com](mailto:Riodajarda.anima@gmail.com) / <https://www.facebook.com/ribeiradasjardas>

## **BROCHURA CONTOS TRADICIONAIS**

setembro – Mês do Migrante Sintrense / 2020

Costumes & Tradições Orais – Diálogo InterCultural Entre Culturas e Povos

### **2. Da parte da RJ ANIMA – Associação:**

- Gerir a melhor forma de distribuição da Brochura;
- Garantir, divulgar e Promover a Parceira e do Apoio JFAMS;
- Coorganizar o lançamento oficial da Brochura;
- Garantir a representação dos parceiros nas atividades relacionado com a brochura;
- Mencionar a parceria em todas as publicações relacionados com publicação;
- Salvar a parceria em todos os meios de comunicação Social;

### **3. Da parte do Autor:**

- Acampamento técnico de todo o processo;
- Garantir a autenticidade e preservação da memória coletiva (versão tradicional Popular);
- Participar no lançamento oficial e nos eventos relacionados;
- Divulgar e Promover a parceira nas iniciativas da arte ancestral da narração à nível nacional e internacional, enquanto profissional das Artes;
- Garantir a percentagem de brochura a combinar com a RJ ANIMA;
- A percentagem atribuída da brochura atribuída ao autor é da inteira responsabilidade do autor;



**Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural**

NIF 513 798 765 / Av. Cidade de Londres 2 7ºD 2735-454 Agualva-Cacém, Sintra

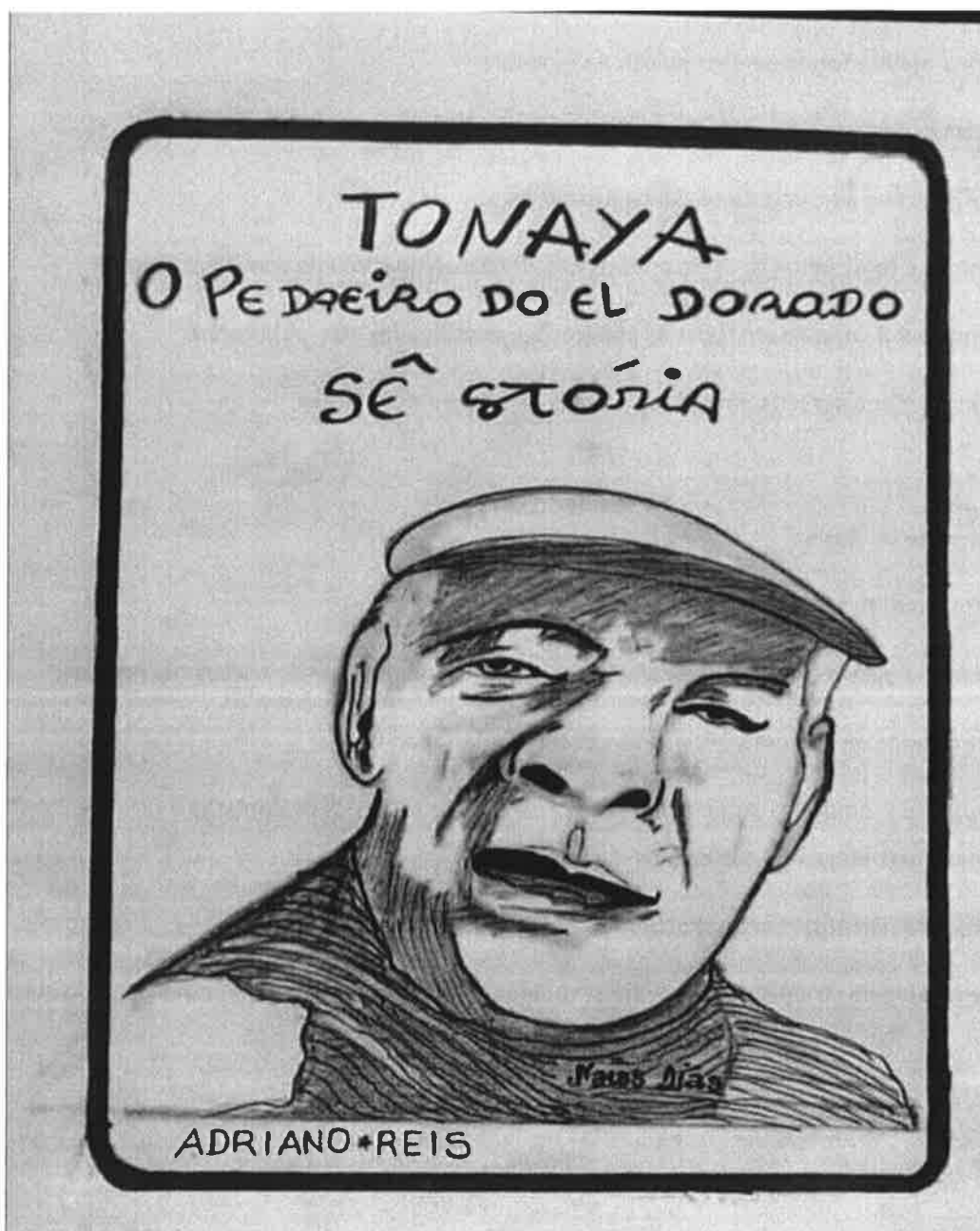
[Riodajarda.anima@gmail.com](mailto:Riodajarda.anima@gmail.com) / <https://www.facebook.com/ribeiradasjardas>

## BROCHURA CONTOS TRADICIONAIS

setembro – Mês do Migrante Sintrense / 2020

Costumes & Tradições Oraís – Diálogo InterCultural Entre Culturas e Povos

Pré Rascunho – O Formato será o mesmo da 1ª Edição Acerca de...D.Domingos Jardo:



 **ANIMA** - Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural

NIF 513 798 765 / Av. Cidade de Londres 2 7ºD 2735-454 Agualva-Cacém, Sintra

[Riodajarda.anima@gmail.com](mailto:Riodajarda.anima@gmail.com) / <https://www.facebook.com/ribeiradasjardas>

# **BROCHURA CONTOS TRADICIONAIS**

setembro – Mês do Migrante Sintrense / 2020

Costumes & Tradições Orais – Diálogo InterCultural Entre Culturas e Povos

## **Ficha Técnica**

**Título:** TONAYA – O PEDREIRO DO EL DORADO & Outras Histórias

## **Versão dos Contos Populares Cabo-verdianos**

Adriano Reis

**Layout/Paginação:** Carlos Casimiro

**Revisão de Texto:** Olivia Nogueira

**Ilustração:** Manuel Dias

**Capa:** Emanuel

**Apoios:** Freguesia de Aqualva e Mira Sintra

RJ ANIMA – Associação

**Depósito Legal:**

**Impressão:**

...

---

 **ANIMA** - Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural

NIF 513 798 765 / Av. Cidade de Londres 2 7ºD 2735-454 Aqualva-Cacém, Sintra

[Riodajarda.anima@gmail.com](mailto:Riodajarda.anima@gmail.com) / <https://www.facebook.com/ribeiradasjardas>





# TONAYA

## O PEDREIRO DO EL DORADO



**Stórias de Cabo Verde**

Adriano Reis

## **FICHA TÉCNICA**

Títulos:

**A Feiticeira da Ribeira de Janela**

Versão do Conto tradicional

**Stória de D´Nhô Moí**

Versão do Conto tradicional

**TONAYA – O Pedreiro do El dorado**

Autoria:

**Adriano Reis**

Capa:

**Emanuel Vaz**

Ilustração:

**Manuel Dias**

Revisão de texto:

**Olívia Nogueira**

Apoios:

**Junta de Freguesia de Agualva e Mira Sintra**

**RJ ANIMA – Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural**

Agosto 2020

## A Feiticeira da Ribeira de Janela



Versão do Conto Tradicional

Stória...Stória...

Era uma vez, há muito, muito tempo, na Ribeira da Janela, ilha de Santo Antão, em Cabo Verde...

A criançada vivia com muito medo e a única diversão que faziam em conjunto era quando chovia, pois tomavam banho nas escoadeiras das casas.

Na Ribeira da Janela, ainda não havia luz elétrica, por isso, para a iluminação, usavam-se velas de óleo extraído da planta tradicional, a purgueira, ou lamparinas, candeeiros a petróleo.

Como não havia luz elétrica, não havia televisão e, para se ouvir as notícias, tinha que se usar um rádio a pilhas.

Na altura, os meninos e as meninas na Ribeira da Janela, local que fica situado no meio do vale, na majestosa ilha das montanhas, *Sintanton*, divertiam-se a ouvir *nôs gente bedjé*, os nossos idosos, a contar estórias. Mas, às vezes, ficavam com muito medo.

Nas ilhas fantásticas, tradicionalmente, as estórias são contadas na soleira da porta.

Então, os meninos sentavam-se nas soleiras das portas e, muito quietinhos e caladinhos, ouviam a primeira palavra mágica, evocada na voz da ancestralidade dos idosos:

“Stória...Stória”... Ao som dessa palavra mágica, deviam os meninos responder, cruzando as mãos enquanto se benziavam:

“Fortuna do céu. Amém!!”

Certa noite, quem ia contar-lhes estórias era *nhá Djó d’ponta d’janela*, pescador artesanal da ilha, que pescava as suas tainhas e *buzkes* da ponta da janela, que, curiosamente, se localiza numa das pontas mais ocidentais da ilha.

Então, ele disse aos meninos que iria contar-lhes a história da *Futcera de Ribeira de Janela*.

Os meninos, sobretudo os manos de oito e dez anos, o Joãozinho e a Maria, agarraram-se um ao outro, para ouvir com atenção a estória e exorcizar os seus medos.

Depois do jantar, quando todos tinham acabado os afazeres rotineiros, como encher os potes de barro que ficam atrás das portas, com água fresca das nascentes, dar de comer às cabras e aos porcos, arrumar os cadernos nas mochilas, foram sentar-se na soleira da porta *d’nhá Djó de Ponta de Janela*.

Na Janela, *kel é um covoque*, os habitantes *tá vivê ná costa de kez rotchá*, covas de duas montanhas que a ribeira delimita, Aí, à noite, ainda cedo, viam-se umas luzes muito estranhas que bailavam no negro da noite, sempre ao redor da tal casa, de cobertura de palha de bananeiral, da qual todos têm medo de se aproximar. Não se sabia que luzes eram aquelas. Dizia-se que ali vivia uma feiticeira...

De dia, nunca ninguém a via e à noite ninguém sabia quem era, porque todos tinham medo de ir à Ribeira.

Por isso, havia muitas histórias sobre a bruxa Julinha, feiticeira da Ribeira da Janela.

Todos diziam que tinha uma enorme vassoura na qual voava por toda a ilha de Santo Antão e tudo o que acontecia de mal, diziam que era obra da Julinha... Toda a gente imaginava que Julinha era má, feia e metia medo.

No entanto, havia meninos que acreditavam que nem todas as feiticeiras eram feias e más.

Um dia, à hora do almoço, os manos, a Maria e o Joãozinho, saíram da escola e decidiram não ir para casa. Foram passear e brincar com os camarões *d'ága docé* no leito da ribeira e brincaram tanto que até se esqueceram da hora de voltar para casa. Meio atrapalhados, tentaram

encontrar o caminho de volta e, então, perceberam que estavam perdidos e bem perto da casa da feiticeira...

Era ainda de dia, o sol estava a começar a pôr-se no perfil *dakez rotcha*, e, graças às montanhas alaranjadas pela luz parda do sol, não tiveram tanto medo.

De repente, do canavial que circundava a casa da feiticeira, algo ganhou vida e começou a mexer-se. Então, a Maria procurou *uma pedrinha laja* para sentar-se e o Joãozinho acompanhou-a, agarrou-se a ela, chorando de medo e mijando os seus calções, que a mãe lhe fizera com restos de panos velhos, retalhos que ia guardando num saco de *larou* que trouxe das festas de Santo António das Pombas. A irmã, mesmo com medo, mantinha-se firme e aconchegou o irmão.

Do meio do canavial, viram sair uma senhora tão bonita, que o Joãozinho perdeu o medo, encantado com aquela beleza angelical, acreditando mesmo que era um anjo que os vinha salvar. A senhora sorriu, perguntou-lhes quem eram e o que estavam ali a fazer.

Os manos, perdidos no tempo, responderam em coro que estavam a tentar encontrar o caminho para casa.

A Senhora perguntou-lhes se queriam que ela os ajudasse a encontrar o caminho de volta, mas, primeiro, tinha de ir a casa dela, para irem buscar umas velas, pois eles estavam muito longe, tinham que andar muito tempo a pé e já ia escurecer e ficar de noite. Eles começaram a ficar assustados, por se lembrarem das histórias sobre a bruxa Julinha, mas como não conseguiram encontrar, sozinhos, o caminho para casa, aceitaram a ajuda.

A Senhora disse-lhes que se chamava Maria da Luz e que vivia naquela casinha, ali perto da Ribeira.

O Joãozinho e a Maria sabiam da tal casa e, mesmo assustados, seguiram os seus instintos, começaram a caminhar seguindo os passos da Maria da Luz, que meticulosamente ia abrindo o vasto canavial de cana sacarina. Os manos já sentiam fome e à memória de Maria da Luz vieram as recordações do lanchinho que a mãe lhes costumava preparar: *keiju de kabrá ke docé de papaya e lêt freskín da vakinha malhadinha*, lanchinho precioso da mãe, para melhor escutarem e ouvirem as *estórias* na *boká noté*. Carregado pela memória, pelos sabores dos mimos da mãe, o medo foi-se esvaindo com o som do canavial onde Maria da Luz ia abrindo caminho à braçada. Foi aí que os manos se aperceberam que estavam bem pertinho da tal casinha de que todos tinham medo de se aproximar.



A tal casinha era tão bonita, que as pedras que foram construídas pareciam que vinham do mar, do fundo do mar, das casas das sereias que vivem lá no canal de Ponta de Janela.

Chegaram à porta da casinha da Maria da Luz que, com um sorriso, lhes deu as boas vindas:

- *Bsôt úvi, li é nhá casinha bnitin e sebín, tchame abri porta pá bsôt entrá i sxinti em kaza!*

Embalados pelas palavras angelicais de Maria da Luz, sentiram-se seguros, abraçados por um sopro de carinho.

A tal casinha pequena tinha uma porta e duas janelas. Ao entrar, sentaram-se logo em duas *mutchinhas* de mangueira que armavam a mesa de figueira. Pelas cumplicidades dos olhares trocados, a Maria e o Joãozinho esgueiraram-se pelos cantos da casa, percebendo que era bem diferente dos dizeres do povo.

Os meninos, ansiosos e famintos, receberam das mãos de Maria da Luz dois pratos de alumínio bem cheios de cachupa, pratos exclusivamente usados para visitantes e pessoas especiais que recebemos nas nossas casas.

Os meninos deixaram-se deliciar pelo sabor da cachupa, de tal modo que só se ouviam colheradas de comida, colheres de pau que tilintavam nos seus dentes! O sabor daquela cachupa era tão especial e único que seria impossível descrever a sua frescura no paladar!

A pequena Maria, na sua última colherada, perguntou, com a boca ainda cheia, a Nhá Maria, como fazia aquela cachupa tão deliciosa... - Para fazer esta cachupa, tenho que sair muitas vezes à noite para ir a *merada*, nas redondezas da casa, à saudosa horta dos meus pais, para apanhar milho, feijão, couve, cenouras, batatas e coentros... E, para não dar topada no dedo dos pés, levo sempre uma lamparina, um candeeiro a petróleo...*bsôt sâbe dritin que topadas dói muito...* Meninos, talvez o tal sabor que encontraram na minha cachupa possa ser do *tucin ó da karne de txuk solgôd e sek*, pois toucinho e carne de porco preto salgado ao sol é sebin, gostoso mesmo... Aprendi com a minha mãe, *nhá m'ri deninha*. quando era pequena como vocês. Ainda bem que gostaram, *nhás mininês!*... *Nhás menís*, às vezes, não é nada fácil colher legumes na *merada*! Às vezes, quando o vento vem forte do mar, passando por Ponta de Janela, ribeira acima, arrebatame a chama do candeeiro, fico a tremer, enquanto vejo a projeção das chamas transformar-se em sombras tão estranhas e misteriosas, que

até sinto medo e mesmo a presença de fantasmas e de monstros, *modá gongons, Bejonse e kenilinhas a correr por aí...*

Como a ribeira ficava muito longe da casa dos meninos, era difícil eles perceberem o que eram aquelas luzes e aquelas sombras estranhas e misteriosas. Mas, de repente, os meninos tinham compreendido tudo: aquelas luzes e sombras estranhas que se viam na ribeira, eram da chama da *lamparina* que Maria da Luz levava para a horta. Perceberam que, afinal, não havia nenhuma feiticeira e que tudo eram histórias que lhes contavam.

O Joãozinho, feliz da vida, recebeu das mãos da Maria da Luz as prometidas velas, que lhe entregou com uma caixa de fósforos, indicando-lhes o caminho para casa, casa onde, com certeza, os pais já deveriam estar em desespero à sua procura.

Quando chegaram a casa, todos ficaram muito contentes e, naquela noite, a Maria e o Joãozinho contaram a verdadeira história da Feiticeira da Ribeira de Janela, aquela que todos pensavam ser feia e má, mas que, afinal, era bela e bondosa, cozinheira da melhor das cachupas alguma vez experimentada.

Stórinha Sonté. Amém!

## Stória D'Nhô Moí



Versão do Conto tradicional

Storia...Storia...

Certo dia, Nhá Antoninha acordou na hora das andorinhas, bem cedo, pedindo a bênção a Mén Maia, que, *na nôs crença*, é a mãe do nosso Santo Padroeiro da Vila de Porto Novo, *Sintanton, Son Jon Betista*.

Nhá Antoninha calçou *as albercas*, chinelas artesanais, confeccionadas por nhó Juzim d'nhá Serafina, foi ao quintal da casa, pegou no balde com restos de comida, parte dela recolhida na vizinhança no dia anterior, saiu portão fora em direção à pocilga comunitária, *txekeres de txuk familiar* em Ribeira de Curijinha, onde todos dão de comer e criam os seus porcos, na expressão crioula, *txuks*.

Voltou a casa em três ventos, onde o marido, Nhó Lela e os dois filhos adolescentes, Tony e Lolita, estavam a espreguiçar-se no aconchegante dos colchões de florzinhas brancas do campo de Esmercela.

– *Bsôt levantá!* – gritou Nhá Antoninha.

- Antoninha! - chamou Nhô Lela - Precisamos conversar. *Kel txuk* já está gordinho, amanhã, bem cedo, vou buscá-lo para matar pá Nhó Moy!

Tony e Lolita, ao ouvirem a boa notícia, saltitaram de felicidade e saíram para a rua, cantarolando: - Amanhã é dia de *matansá txuk óh lé lé lé!*

Nhá Tenente, sempre sentado na soleira da porta, espaço onde conta estórias às crianças, *depôs que sol kambá* no horizonte, chamou:

- Oh Cristina, *já bó úvi...* Lela e Antoninha, amanhã, vão matar o porquinho gordinho deles. Que bom!

Enquanto os meninos gritavam aos sete ventos, nhá Antoninha, concordando com o marido, começou a preparar, para a *matansá do porco*, um saco, uma faca, uma panela, uma tigela e alguns temperos.

Nhô Lela foi a casa do vizinho, Nhô Tenente, pedir emprestado uma *chapa de bidon* e umas cordinhas para trazer o porco para casa.

No outro dia, bem cedinho, Nhô Lela pegou no saco e nas cordas e dirigiu-se à pocilga, *txeker de txuk*.

Para distrair o porco, deu-lhe de beber, enquanto aproveitou para lhe amarrar os pés. Meteu-o dentro do saco, carregou-o às costas até casa.

Chegando a casa, Nhá Antoninha, Tony e Lolita aguardavam com ansiedade, enquanto Nhô Lela depositava o saco com o *txuk na chapa de bidon*, juntinho, mesmo ao pé do tanque de lavar roupa, cheio de água para banhar o porco e os seus detritos. Esse tanque tinha sido contruído por Nhô Lela à base de areia e cimento, em tempos, para que a mulher deixasse de pedir emprestado o tanque da vizinhança para lavar roupas da família.

Logo após, pegou nos utensílios que a mulher já tinha preparado do dia anterior, deu-lhe banho, secou-o, golpeou-o com a faquinha e Nhá Antoninha recebeu o sangue numa tigela até ao último soluço do porco.

Quando o *txuk* já estava morto, foi à cozinha misturar o sangue com arroz e temperos para chouriço caseiro.

Entretanto, Nhó Lela regou o *txuk* morto com petróleo e incendiou-o para tirar os pelos. Tirou os pelos e as peles, limpou-a e começou a abri-la em dois lados iguais. Entretanto, o Tony e a Lolita continuavam especados, ansiosos e em silêncio ao pé do pai, que, percebendo, cortou pedaços da orelha do porco e deu-lhos. A Lolita foi logo para a cozinha ajudar a mãe, enquanto o Tony continuou ao pé do pai. Logo assim que abriu o porco ao meio, meteu as mãos bem localizadas, retirou a bexiga, deu-a ao Tony para levar à mãe para ela lavar bem lavada, encher de ar para ele ir jogar bola com os amigos.

Tony, feliz da vida, a cantarolar, recebeu-a e foi ter com a mãe, a pedido do pai.

Nhó Lela, então, abriu o porco em duas partes iguais, uma delas purificou com sal, meteu mesmo muito sal para salgar, *txuk solgôd pá nhó Moi*.

Voltou a chamar a mulher, entregou-lhe a metade do porco salgado com a recomendação para ir à cozinha de pedra, meter no buraquinho ao lado das pedras do fogão e fechá-la bem fechada com barro de cinza. E assim fez, guardou *txuk solgôd pá nhó Moi*.

Depois de cumprida a tarefa atribuída pelo marido, Nhô Lela já tinha a outra metade do porco dividida em vários porcos familiares.

Nhá Antoninha, ao ver os porcos, pediu ao marido se havia porcos para todos os familiares na Ribeira de Curijin, em diversas zonas da ilha de Santo Antão, inclusive na ilha mais próximo de São Vicente.

Nhó Lela, stressado, entrou em desespero, gritando: - *Oh nha mudger*, estão todos cá, fazes como achares melhor... Faz a distribuição como bem entenderes. Confesso que não esqueci de ninguém!

Terminou o dia de matança de porco, em festa, tanto a família, bem como toda a vizinhança, almoçaram e jantaram carne de *txuk*.

*No djuntá mon crioulo*, dia de matança de *txuk* é dia de festa da vizinhança.

No dia seguinte, Nhô Lela disse à mulher que ia para merada, horta do sequeiro na Kabsáda de Garça e que só devia voltar no dia seguinte à tardinha.



Saiu em direção à estrada rumo à Ribeira Grande, para tentar encontrar uma boleia até Lombo di Figueira, Lagoa, Ribeira Grande ou Garça para facilitar o caminho até Kabsáda de Garça.

Nhá Antoninha distribuiu tarefas aos filhos e, entendendo que a metade do porco salgado era para Nhó Moi, saiu no encalço do tal Nhó Moi.

Passou toda a manhã e a tarde do dia a perguntar por Nhó Mói e ninguém sabia de quem se tratava.

Entretanto, um estranho, chico esperto, apercebendo-se da procura da senhora, ficou atento.

Nhá Antoninha procurou, procurou por Nhó Mói até que o sol se começou a pôr nas montanhas do Tarrafal de Monte Trigo, *Sintanton*, no horizonte.

Triste, voltou a casa, imbuída pela tamanha responsabilidade de entregar o porco e acordou bem cedo, no dia seguinte, dia em que o marido regressava de Kabsáda de Garça, retomando a saga de encontrar o tal homem, Nhó Mói.

O estranho, chico esperto, atento, aproximou-se de Nhá Antóninha e apresentou-se como Nhó Mói.

Ela, feliz da vida, agradeceu por ter aparecido, porque o marido a incumbira de lhe entregar um saco com metade do porco salgado.

Convidou-o a acompanhá-la a sua casa, entraram, serviu-lhe uma porção de cachupa guisada com chouriço porco da *matansá*. Dirigiu-se depois à cozinha, cozinholá de pedra, retirou do tal buraco coberto com barro de cinza o tal saco com a metade do porco conservado em sal e entregou-o ao suposto Nhó Móí. Este, ainda com a boca cheia de cachupa, agradeceu, saindo porta fora.

Nhá Antoninha estava tão feliz por cumprir o desejo do marido, a cantarolar, pegou na vassoura de tamareira, começou a varrer e a limpar a casa, preparando-a para o regresso de Nhô Lela.

No final do dia, mal o marido, cansado, entrou porta dentro, a mulher veio ao seu encontro, toda feliz:

- *Nhá Meride...nhá Meride...j´me intregá kel sôk de txuk solgôd à Nhó Móí, como me pediste!*

Nhó Lela, meio atrapalhado, zangado e irritado, gritou:

- Mulher, o porco salgado que te incumbi de guardar na nossa cozinholá de pedra é para o mês de maio, quando vierem as primeiras águas da chuva, para darmos de comer aos agricultores que nos irão ajudar a semear o milho e o feijão nas nossas hortas do sequeiro. Oh Santo Deus, o que faço agora?!

Nhá Antoninha caiu em tristeza profunda.

- Óh marido, pensei que era para entregar a Nhó Mói. Desculpa!

- Mulher, há quanto tempo entregaste a este suposto Nhó Mói o saco com o porco?

Nhá Antoninha, para não irritar mais o marido, respondeu-lhe que tinha entregado o saco há cerca de uns dez, quinze minutos e que ele tinha caminhado em direção ao fundo de lombo branco, com certeza passando pela porta de Nhá Venância.

Nhó Lela, em desespero, saiu porta fora, voltou-se para a mulher e disse-lhe:

- Quando saíres, não te esqueças de trazer a porta na mão.

Nhá Antoninha entendeu assim: arrancou a porta, meteu-a na cabeça e começou a caminhar atrás do marido. Ele à frente e ela atrás com a porta, resguardando-a com a mão. De repente, ela grita estar cansada:

- Ajuda-me!

Nhó Lela voltou-se e deu de caras com a mulher com a porta na mão.

- Mas quando eu te disse para trazeres a porta na mão, era para fechares a porta e não para a arrancares e trazer. Bem, já não há remédio, estamos longe de casa, agora não tens outra alternativa a não ser carregá-la.

Andaram, andaram, até chegarem ao pé de uma grande árvore, uma mangueira e resolveram descansar. Como já se fazia noite, à cautela, subiram para a árvore.

A mulher voltou-se para o marido e disse:

- E a porta?

- Ora, faz um jeito e trá-la cá para cima.

Assim, a muito custo, ela subiu com a porta para cima da árvore e ali ficaram.

Momentos depois, ouviram alguém falar baixo. Escutaram a conversa e viram sete ladrões a contar dinheiro e joias que traziam num saco.

A mulher, agarrada à porta e em silêncio, fez sinal ao marido:

- Marido, tenho xixi!

- Mija, mulher.

Ela mijou e este caiu em cima dos ladrões, que disseram:

- Aí vem água do céu!

Entre eles, competiram que iam beber a água da chuva, água sagrada, mas só dois deles conseguiram beber a água sagrada vinda do céu.

A mulher sentiu-se aliviada, dois dos sete ladrões sentiram-se abençoados e os restantes cinco ladrões, frustrados, voltaram a contar

o dinheiro e a fazer o cálculo das joias.

Momentos depois, ela voltou de novo:

– Marido, tenho cocó!

– Faz, mulher!

Ela fez cocó e este caiu em cima dos ladrões, mais dois deles, percebendo, proclamaram:

- Papa sagrada que vem dos céus!

Ficaram quatro deles abençoados com água e papa sagrada vindas dos céus, mas os restantes três entraram em conflito e começaram a esmurrar-se uns aos outros.

Entretanto, a mulher, nhá Antóninha, fustigada pelo cansaço, com os braços dormentes de tanto suportar a porta, voltou-se para o marido:

- Estou cansada!

Ao mesmo tempo, largou a porta, que caiu em cima dos ladrões, que repetiram:

– Vem aí castigo do céu! – E, assustados, desataram a correr.

Nhó Lela, percebendo que os ladrões fugiram, deixando o saco com dinheiro e joias para trás, sentiu-se tão grato à mulher, que começou a tecer-lhe algumas palavras, uma verdadeira declaração de amor:

- *Nhá Kretxêu...mi é dod na Bó!*

Então, desceram da árvore e Nhó Lela correu, pegou no saco com o dinheiro e joias que os ladrões tinham deixado ficar para trás e viu a mulher, Nhá Antoninha, parada no tempo, pensando ainda no suposto Nhó Móy, o Chico Esperto...

- Óh Lela, vamos no encalço do saco de Txuk Sogôd para quando vier a chuva, tempo das águas...

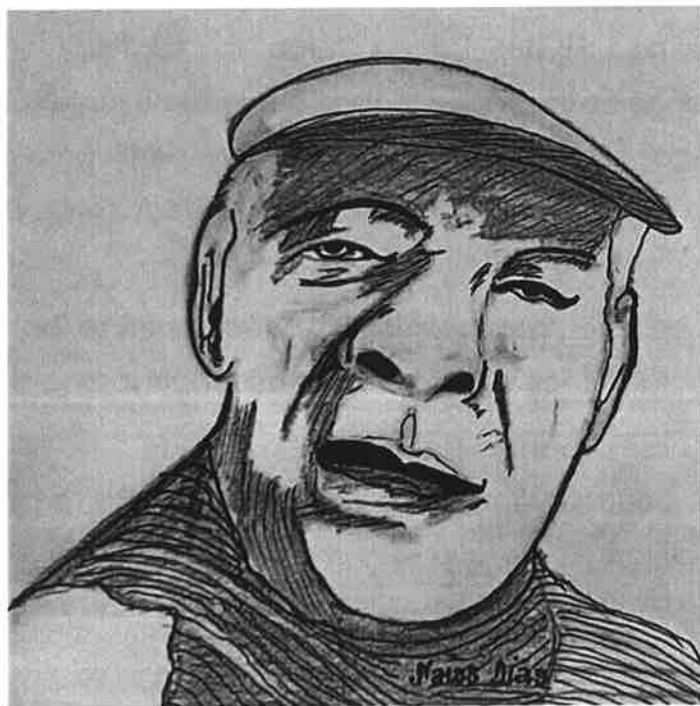
- Oh Mulher, esquece o saco, Nhó Móy, o Chico Esperto! Estamos ricos, vamos para casa, chegar, pegar nos nossos filhos e sair da ilha de Sintanton, viajar para bem longe e sermos felizes. Este Chico Esperto deve já ter tido o que merece...

Nhó Lela e Nhá Antoninha viveram felizes para sempre, com os seus filhos e a verdade é que, ainda hoje, lá longe, se ouvem as penas do Chico Esperto, por ter querido o txuk de Nhó Móy.

E é assim que terminamos as histórias na ilha:

Os mais pequenos correm até à beira-mar, mergulham e procuram um saco cheio de dinheiro. O mais pequeno corre, vai atrás da casa de Nhó Bentinho e aí encontra sempre um saco de dinheiro.

## Tonaya – O Pedreiro do El dorado



Adriano Reis

Storia...Storia...Fortuna do Céu. Amém!

Cinco anos antes da devastadora fome de 47 que marcou a História de Cabo Verde, nasceu, numa casinha de pedra, com cobertura de palha de milho, no vale do Pilão da Garça, ilha de *Sintanton, Cabo Verde*, uma criança no seio de uma família humilde e numerosa. Este menino não chegou a conhecer o pai, porque ele partiu para as estrelas... Na ausência do pai, a mãe deu-lhe o nome de António, *Tonaya*, para a família.

Tonaya cresceu *modá Blimundo*, alimentando-se do leite fresco de cabra, *batata doce assode k'let, papá K'bobra, fungin, prentêm*.

Tonaya, nascido num vale montanhoso onde o acesso era remoto e íngreme, costumava reunir-se com a sua família, à noite, à volta do rádio a pilhas. Aí, entrava num mundo de sonhos e dava asas à sua imaginação, enquanto ouvia as palavras, sons e tons em línguas estranhas, apeteecendo-lhe satisfazer a curiosidade de abrir a caixinha mágica, para poder conhecer os homenzinhos que ali habitavam, o Eldorado com que ele tanto sonhava.



Chegou a vida adulta e o sonho do Eldorado começou a ganhar sentido... Tonaya quis viajar, trabalhar, conhecer o mundo, ter uma casinha, formar família, ter uma vida confortável e, por fim, descansar em paz.

Aos dezanove anos, já tinha economizado alguns tostões que guardava embrulhados num *pano de clabedótxé* num buraquinho da casa. Partiu para São Tomé e Príncipe, para trabalhar nas roças de cacau e de café.

Passaram quatro anos e, sob o olhar atento dos colonos, muitas estórias se passaram e, no meio de tanta exploração da classe trabalhadora, conseguiu economizar apenas uns míseros tostões. Dececionado e frustrado, voltou *pá Sintaton* para a sua casinha de pedra e de palha. Foi ao mesmo buraquinho, guardou alguns tostões *suóde a sôr e féi*, pegou no restante e tornou-se empreendedor, montando o seu próprio negócio, como vendedor ambulante: comprava grogue, cachos de bananas, *txuk solgode* e vendia-os na Soncent.

O negócio crescia e, nos finais dos anos sessenta, Tonaya continuava a sonhar: o sentir formigar do tão desejado Eldorado mantinha-se...

Então, foi ao tal buraquinho, retirou todos os tostões, oferecendo o pano de *clabedótxé* à sua mãe, comprou uma passagem e partiu numa longa *viaja* de nove dias, a bordo de “*Amélia de Mello*”, para Angola. Nesta *viaja*, conheceu o grande amor da sua vida. Chegaram a Luanda, passaram a viver juntos, ele tornou-se pedreiro de profissão e ela doméstica. Aí, juntaram as forças e as energias, caminhando rumo à realização do Eldorado. Tiveram dois filhos, construíram uma vida estável que foi interrompida pela guerra colonial e voltaram pá *Sintaton k’mom pá frént k’mom pá trás*... Os sonhos, as alegrias, os cheiros de Luanda ficaram para memória e voltaram às suas origens. Dessa vez, voltou com uma família e, no vale onde vivia, a casinha onde guardava os seus tostões estava vazia, os familiares tinham partido para outros mundos. Aí, Tonaya, o pedreiro, construiu uma casinha de blocos e cimento na vila de Porto Novo, em Santo Antão, Cabo Verde, onde abrigou a família e nasceram mais duas filhas. De verdade, ter uma família de seis pessoas é sinónimo de muito trabalho para alimentar tantas bocas.

A vida rotineira na vila piscatória de Porto Novo foi-se afirmando e os filhos foram crescendo.

Mas, nos finais dos anos oitenta, começou a haver escassez de trabalho na vila.

Não sendo pescador, mais uma vez, Tonaya pegou na família e *demandou-se pá soncent, nu d'junt mom crioulo*, e construiu outra casinha de blocos e cimento, onde abrigou a família.

Nesta altura, vivia a ternura dos quarenta e, numa bela noite de luar, convidou a mulher para um passeio na avenida marginal da ilha. Comeram moreia frita *k'pontxé* e, ao namorar à luz da lua e ao som das estrelas, Tonaya – o Pedreiro do Eldorado disse à sua amada o quanto a amava, mas que tinha que partir de novo para poder dar asas aos seus sonhos e alcançar o tão desejado Eldorado. Só que, dessa vez, esse sonho não seria só para ele, mas sim para toda a família.

Então, viajou para Lisboa, trabalhou, comprou casa e reuniu a família de novo...

Hoje, os filhos têm as suas próprias famílias, desenhando, assim, as suas próprias histórias.

Hoje, quando a saúde lhe permite, Tonaya manifesta o desejo de regressar às suas origens, à sua casinha de pedra e palha, de voltar a conviver com a família e os amigos de infância.

Hoje, ao recordar a sua infância, Tonaya conta *stórias*, que nos fazem a todos retornar ao tempo em que ouvia o seu rádio a pilhas.

Por isso, no fim de tantas viagens à procura do Eldorado, inconscientemente, Tonaya conclui que, na realidade, o seu Eldorado é o sítio onde nasceu, brincou, cresceu e se fez Homem...

Nha pai, todos os dias me perguntas que dia é hoje.

E eu respondo:

***Hoje, como todos os dias é o teu dia...é o dia do Pai... é o dia do Tonaya  
– O Pedreiro do Eldorado!***

**Nota Final:**

A nossa memória sofre mudanças ao longo dos tempos, voltando, às vezes, ainda que por pouco tempo, às vivências remotas da infância e da adolescência. São frações de segundos, são momentos tão gloriosos aqueles em que Tonaya e a sua memória nos levam a viajar com ele até à sua infância e à sua busca pelo Eldorado, momentos que vivemos intensamente com os nossos entes queridos como se não houvesse amanhã.

Por essa razão, esta história resumida de Tonaya é dedicada à memória, aos familiares e a todos os cuidadores.

Apoios:





# FREGUESIA DE AGUALVA E MIRA SINTRA

## Folha de Cabimentação

Nº Cabimento: 653

Ano: 2020

Data Registo: 11-08-2020

Data Documento: 11-08-2020

Class. Orgânica: 030000 Educação e Cultura

Class. Económica: 0407010000 Instituições sem fins lucrativos

Projeto e Ação: PPA 17 01

Descrição: Apoio Financeiro à Associação RJAnima para Publicação de uma brochura integrada no mês do migra

1	Orçamento Inicial	5.000,00
2	Reforços/Anulações	0,00
3	Orçamento Corrigido	5.000,00
4	Despesas Pagas	1.814,92
5	Encargos Assumidos (Cabimentos)	2.543,43
6	Saldo Disponível do Orçamento	641,65
7	Despesa Emergente, que fica cativa	492,00
8	Saldo Residual do Projeto	149,65
9	Saldo Residual	149,65

RESPONSÁVEL